

Amurabi Oliveira 

Universidade Federal de Santa Catarina

amurabi1986@gmail.com

Os Eslavos na obra de Gilberto Freyre entre a Rússia Americana e os Poloneses no Brasil

Resumo:

Gilberto Freyre (1900–1987) é considerado um dos principais intérpretes da sociedade brasileira, tendo enfatizado principalmente o papel dos portugueses na formação do Brasil. Neste artigo, eu examino como os povos eslavos aparecem na obra de Freyre, destacando dois principais elementos: a) a ideia de que o Brasil seria uma “Rússia Americana”; b) a inserção dos poloneses na sociedade brasileira. A comparação com a Rússia se deve ao fato dela ser percebida por Freyre como um país que estaria situado na transição geográfica e cultural entre dois continentes, tal como Espanha e Portugal, e que assim como o Brasil se consolidou como uma nação miscigenada em um vasto território. A presença dos poloneses na sociedade brasileira se daria de forma ambivalente, pois, ao mesmo tempo em que eles se aculturavam, tornando-se mais brasileiros, também contribuíam para a cultura nacional, modificando-a, trazendo novos elementos.

Palavras-chaves: Gilberto Freyre, Brasil, Estudos Brasileiros, Rússia Americana, Poloneses no Brasil

Abstract:

The Slavs in the Work of Gilberto Freyre: Between American Russia and Poles in Brazil

Gilberto Freyre (1900–1987) is considered one of the main interpreters of Brazilian society and has emphasized the role of the Portuguese in the formation of

Brazil. In this article, I examine how Slavic peoples are depicted in Freyre's work, highlighting two main elements: a) the idea that Brazil could be an "American Russia"; b) the inclusion of Poles in Brazilian society. The comparison with Russia is motivated by the fact that Freyre perceives it as a country situated, like Spain and Portugal, in a geographical and cultural transition area between two continents, and that, like Brazil, it has consolidated as a mixed nation in a vast territory. On the other hand, the presence of Poles in Brazilian society would have twofold outcomes, as, on the one hand, they underwent acculturation, becoming more Brazilian, and on the other, they contributed to the national culture of Brazil, modifying it, and bringing new elements.

Keywords: Gilberto Freyre, Brazil, Brazilian Studies, American Russia, Poles in Brazil

Introdução

Gilberto Freyre (1900–1987) é um dos principais intérpretes da sociedade brasileira, de modo que seu trabalho mais conhecido – *Casa-Grande & Senzala*, publicado em 1933 – continua a ser considerado um marco na construção da identidade nacional.

Em conjunto com *Sobrados e Mucambos* publicado em 1936 e *Ordem e Progresso* publicado em 1957, *Casa-Grande & Senzala* constituiria um arco interpretativo que reforça a posição do Brasil enquanto civilização lusitana e católica¹. A tese central da miscigenação presente no trabalho de Freyre, com a subsequente formação da civilização nos trópicos, se estruturaria a partir da plasticidade portuguesa, ainda que possamos observar que nesta obra há a tese de que o elemento africano ocupa um papel de co-colonizador do Brasil (Bastos, 2006).

De uma forma mais ampla, podemos encontrar ainda em Freyre uma compreensão de que o Brasil se vincula de uma forma mais ampla ao mundo Ibérico, e não exclusivamente ao universo português, aproximando-se assim da ideia de herança ibérica à qual Sérgio Buarque

¹ Os três livros constituiriam a "Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil", que seria ainda complementada pelo livro *Jazigos e Covas Rasas*, que nunca chegou a ser escrito por Freyre.

de Holanda (1902–1982) faz menção em *Raízes do Brasil*². Todavia, é importante perceber que apesar da centralidade dos povos ibéricos na formação da sociedade brasileira, Freyre também percebe a existência de outros povos que passam a assumir um papel relevante na constituição do Brasil, especialmente, a partir do século XIX.

Investigar o papel dos povos eslavos na obra de Gilberto Freyre implica, portanto, numa ampliação do debate contido em sua obra indo para além dos povos ibéricos, que recorrentemente estão no centro das análises. Este debate implica na própria discussão sobre brasilidade na obra de Freyre, uma vez que o autor discute também o próprio processo de se tornar brasileiro na discussão acerca do papel desses povos na formação da sociedade brasileira.

Buscando agregar novos elementos a este debate, almejo neste ensaio analisar o papel dos povos eslavos na obra de Freyre. Almejo, por um lado, destacar a comparação que Freyre realiza entre o Brasil e a Rússia, popularizando a expressão Rússia Americana para se referir ao Brasil; por outro, mostrar qual é o lugar que esses povos, especialmente os poloneses, ocuparam na formação da sociedade brasileira.

Brasil como Rússia Americana

Como bem destaca Maia (2005) a ideia de que o Brasil seria uma Rússia Americana está presente em diferentes autores, ainda que tenha sido possivelmente Freyre que popularizou a expressão ainda em *Casa-Grande & Senzala*. No final do primeiro capítulo desta obra, Freyre afirma que:

² É importante ressaltar que, apesar de ambos os autores perceberem essa relação entre a cultura ibérica e o Brasil, as avaliações que eles realizam desta vinculação são substancialmente distintas, na medida em que Holanda (1995) realiza uma crítica contundente a este elemento, enxergando-o como um limite cultural à constituição de uma democracia em seu sentido pleno no Brasil; ao passo que Freyre (2003) busca “reabilitar” a herança cultural portuguesa, positivando-a. Ainda acerca desta comparação, é válido ressaltar que houve mudanças substantivas entre a primeira e a segunda edição de *Raízes do Brasil*, de modo que na primeira encontramos mais proximidades com o trabalho de Freyre.

A nossa tradição revolucionária, liberal, demagógica, é antes aparente e limitada a focos de fácil profilaxia política: no íntimo, o que o grosso do que se pode chamar “povo brasileiro” ainda goza é a pressão sobre ele de um governo másculo e corajosamente autocrático. Mesmo em sinceras expressões individuais – não de todo invulgares nesta espécie de Rússia americana que é o Brasil – de mística revolucionária, de messianismo, de identificação do redentor com a massa a redimir pelo sacrifício de vida ou de liberdade pessoal, sente-se o laivo ou o resíduo masoquista: menos a vontade de reformar ou corrigir determinados vícios de organização política ou econômica que o puro gosto de sofrer, de ser vítima, ou de sacrificar-se (Freyre, 2003: 114).

A expressão “Rússia Americana” tende a reforçar a singularidade cultural brasileira neste contexto, negando que o Brasil pudesse ser classificado simplesmente como oriental ou como ocidental. Freyre reivindica para si a criação desta expressão, refutando que ela se originou de outros autores, o que teria sido apontado por um crítico (que não é citado, como é de costume nos trabalhos de Freyre). Em nota ele afirma o seguinte:

A expressão “Rússia americana” pareceu a um crítico que gentilmente se ocupou deste ensaio, “fórmula antiquada, depois de Vicente Licínio Cardoso e do Sr. Otávio de Faria.” Talvez tenha se enganado o crítico. Pelo menos, em parte. A referida expressão usamo-la pela primeira vez há mais de dez anos no trabalho “Vida social no nordeste”, Diário de Pernambuco, centenário, 1925 (Freyre, 2003: 154).

Neste sentido, tais aspectos somam-se, ainda de acordo com Maia (2005), com o fato de que Freyre chama a atenção para o papel do Estado autoritário na sociedade brasileira, de tal modo que:

Nossa paisagem seria, portanto, marcada por valores “orientais”: docilidade e violência, desejo de Estado forte e autocrático. Sua resolução sociológica poderia ser encontrada no desenho de um Estado poderoso justaposto a uma ordem social dispersa, “localista” e enraizada no *hinterland*. A figura clássica do “despotismo oriental”, só que plantada em terreno novo, onde o encontro de raças teria produzido uma matriz civilizatória não

propriamente “oriental”, embora certamente não tipicamente “ocidental”. Contudo, o elogio de Freyre não é à ação organizadora do Estado, mas sim ao poder da família como instituição social. Sua sociologia política não busca a confirmação do Oriente, mas aceita a plasticidade de uma paisagem social que combina Rússia e América. Nesse sentido, Freyre estaria distante de Oliveira Vianna, que busca no Estado a solução para a resolução de um amorfismo estrutural de nossa vida social. Apegado ao que há de mouro e muçulmano no elemento português, Freyre consegue localizar nessa Rússia tropical não apenas elementos “despóticos”, mas também formas singulares de associação (Maia, 2005: 436).

Nesse jogo de assimilações e acomodações, a comparação com a Rússia só se faz possível na medida em que Freyre também encontra elementos em comum entre o que foi realizado no Império Russo e no Império Português. Retomando o argumento de Freyre em *Casa-Grande & Senzala*, a sociedade brasileira só se fez possível, nos contornos singulares que assumiu, devido à plasticidade do português. O português, para Freyre, constitui um povo que experienciou profundamente a miscigenação biológica e cultural antes mesmo de sua aventura no Novo Mundo, destacando-se aí o intenso contato cultural com judeus e mouros ao longo dos séculos (Freyre, 2003). A plasticidade portuguesa levava ao equilíbrio de antagonismos, à busca pela síntese, pela mistura. Entretanto, seria equivocado acreditar que Freyre atribuiu unicamente aos portugueses tais características, em *Novo Mundo nos Trópicos* ele realiza a seguinte afirmação:

E, como na Rússia, as concepções e condições antagônicas de vida dos hispanos – espanhóis e portugueses – não chegam nunca a um ponto de equilíbrio sem muito conflito. Mas sempre o processo de fusão, de acomodação, de assimilação, mostrando-se poder maior que o de oposição. De onde pode-se dizer que os portugueses e os espanhóis, da mesma maneira que os russos, por mais de um aspecto da sua vida social e cultural, revelam-se com a dupla personalidade do Dr. Jekyll-Mr. Hyde, que muito psicólogo tem estudado em certos indivíduos e muito sociólogo tem observado em certos grupos (Freyre, 1971: 34).

Para Freyre, do mesmo modo que Portugal e Espanha representam uma transição entre a África e a Europa, entre o Ocidente e o Oriente, a Rússia seria uma transição entre a Europa e a Ásia e também entre o Ocidente e o Oriente. Esta transição entre dois continentes seria acompanhada também de um processo de miscigenação. Para Freyre:

Outro povo de transição entre a Europa e outro continente de população de côr é o russo, que revela hoje ao mundo um tipo nôvo, sob certos aspectos já vitorioso, de organização social e que inclui a miscigenação, especialmente a mistura de raças conhecida por euro-asiática entre as suas soluções para os problemas sociais do homem. Em mais de um aspecto da sua situação étnica e social, o Brasil lembra a Rússia (Freyre, 1971: 106).

Ainda acerca deste ponto, Freyre chega a contrapor o exemplo russo com o norte-americano, indicando que o preconceito contra a miscigenação continua sendo um problema nos Estados Unidos, ao passo que a Rússia, tal como o Brasil, estaria reafirmando a ausência de preconceitos raciais, e solapando as críticas provindas dos defensores da “integridade racial”. É importante considerar que *Novo Mundo nos Trópicos* é uma versão estendida de *Interpretações do Brasil* (2001), ambos publicados originalmente em inglês, visando, portanto, dialogar principalmente com uma audiência de leitores estrangeiros.

Freyre também indicou que o Brasil seria uma China Tropical, assemelhando-se com o país asiático devido ao seu vasto território, à sua capacidade de absorção cultural e à existência de alguns traços orientais em sua cultura (Freyre, 1971)³. Tanto a comparação com a Rússia quanto a comparação com a China implicam, portanto, num esforço do autor em realizar uma interpretação do Brasil que o desloca da dualidade Oriente/Ocidente, demarcando-o como um lugar de encontros.

³ É importante mencionar que o conceito de luso-tropicalismo desenvolvido por Freyre acabou por ser incorporado à ideologia oficial do regime de Antônio de Oliveira Salazar (1889–1970), sendo utilizado para legitimar o domínio colonial português, inclusive em possessões ultramarinas como Hong Kong, na China (Morais, 2018).

Acerca do orientalismo na obra de Freyre, Silva (2011) chama a atenção para o destaque que o autor realiza para a presença moura na formação da sociedade brasileira, algo que remeteria ainda à formação cultural portuguesa. Ademais, ao comparar o Brasil com a Rússia e com a China, Freyre também estaria realizando uma crítica ao processo de modernização que o Brasil vinha vivenciando ao menos desde o século XIX, que ele interpretava como uma tentativa de re-europeização do Brasil (Freyre, 2006), algo que também pode ser interpretado como uma tentativa de produzir um polo de conhecimento livre do imperialismo cultural da matriz anglo-francesa (Alcantud, 2020). Todavia, nunca é demais destacar que essa ideia de Oriente presente na obra de Freyre remete principalmente a um “Oriente imaginado”⁴, a uma elaboração do autor a partir não apenas de fontes históricas e etnográficas, como também de sua imaginação (Oliveira, 2015).

Ainda com relação à comparação com a Rússia, é importante indicar que Freyre não realizou pesquisas nesse país, e que possivelmente ele acabou incorporando ideias que refletiam uma autorrepresentação que esse país elaborou após a revolução de 1917. Ainda que possamos reconhecer que a Rússia constitui uma nação multiétnica, é importante mencionar que houve processos profundamente violentos na tentativa de incorporar esses diversos grupos étnicos no projeto nacional soviético (Bessudnov e Shcherbak, 2020).

Os Poloneses na Formação da Sociedade Brasileira

Casa Grande & Senzala é voltada principalmente para a análise do período colonial da história brasileira. Em parte, devido a esse recorte temporal, Freyre é acusado continuamente de tomar a parte pelo

⁴ É importante mencionar que o conceito de orientalismo, tal como elaborado por Said (2007), remete à construção imaginária que o Ocidente elaborou ao longo de séculos sobre o Oriente, situando-o hierarquicamente numa posição inferior a partir de uma perspectiva eurocêntrica. Não seria preciso afirmar que a obra de Freyre produz um orientalismo nestes termos, no entanto, é inegável que as imagens e representações sobre o Oriente produzidas a partir do Ocidente impactaram diretamente a obra do cientista social pernambucano.

todo, analisando o Brasil exclusivamente a partir do Nordeste (Bruke e Pallares-Burke, 2009). Neste caso, devido ao recorte temporal e geográfico, a presença de povos não ibéricos no Brasil ganha pouca visibilidade em seu trabalho. A presença de povos eslavos no Brasil passou a ser significativa a partir de meados do século XIX, considerando principalmente o processo migratório realizado para a região Sul do Brasil.

Enquanto analisou o desenvolvimento sociocultural da região nordeste, Freyre focou no processo de colonização dos portugueses, concluindo a partir desta análise que o patriarcado seria uma categoria central na estruturação da sociedade brasileira, algo que passou a ser questionado por autores contemporâneos seus. No prefácio da segunda edição de *Sobrados e Mucambos*, ele tenta responder a essas críticas, buscando indicar que o patriarcado estaria presente nas diversas regiões do país:

[...] de tal modo variando de substância do extremo norte ao extremo Sul do país, a ponto de estudiosos que, em sociologia, se orientam mais pelo conteúdo que pela forma dos acontecimentos ou dos fatos perderem, diante dessa diversidade antes etnográfica, geográfica ou econômica que sociológica – o pastoreiro, aqui, a extração da borracha, ali, o café, em São Paulo, o ouro e os diamantes, nas Minas Gerais, o açúcar, o tabaco, o algodão ou o cacau, no Norte – o sentido da unidade sociológica de forma e de processo (Freyre, 2006: 44).

Como nos elucida Bastos (2005), Freyre realiza uma distinção entre forma e conteúdo remetendo ao trabalho de Simmel, para indicar que apesar das alterações em termos de conteúdo etnográfico, a forma do patriarcado estaria presente nas diferentes regiões do país. Em uma análise mais aprofundada, podemos observar que, para Freyre, a matriz cultural luso-católica seria aquela que daria unidade a certa cultura nacional, apoiando inclusive ações de “nacionalização do ensino” que vinha ocorrendo em alguns estados, como Santa Catarina, que passavam a proibir o ensino nas escolas em outra língua que não o português (Oliveira, 2019). Esse tipo de pressão também incidiu sobre a comunidade polonesa no Brasil. Em 1924, o inspetor-geral

César Prieto Martínez constatou que muitos poloneses no Paraná não sabiam falar o português, o que se devia possivelmente ao “isolamento das colônias” e à ausência de “escolas brasileiras”. Com a ascensão do Estado Novo a partir de 1937⁵ essas medidas tornaram-se mais enérgicas, tendo sido proibido o uso de línguas estrangeiras em espaços públicos, assim como a circulação de jornais e revistas em língua estrangeira a partir de 1938 (Zen, 2010).

Neste ponto chama a atenção o caráter ambivalente do próprio Freyre, pois, ele não foi um apoiador do Estado Novo, tendo inclusive acompanhado Estácio Coimbra (1872–1937) em seu autoexílio na Europa em 1930 quando Getúlio Vargas assumiu o poder em 1930. Todavia, isso não o impediu de apoiar as medidas “nacionalizantes” que Vargas vinha implementando em relação às comunidades de imigrantes no Sul do Brasil, por considerar esse um passo fundamental para a manutenção da unidade nacional. Partindo do depoimento de Armando Silveira, nascido em 1887, Freyre reflete sobre as resistências que comunidades alemãs, italianas e polonesas no Sul do Brasil possuíam em relação ao casamento inter-racial, indicando que seria necessário penetrar mais profundamente nos descendentes destas comunidades, não só com relação à língua e aos costumes, mas também com relação à imagem do Brasil (Freyre, 1962).

Estes elementos nos dão pistas para percebermos que a presença de elementos “não ibéricos” na sociedade brasileira, na perspectiva de Freyre, deveria passar necessariamente por um processo de “abrasileiramento”. Referindo-se ao processo ocorrido com a população africana escravizada no Brasil, Freyre ressalta a flexibilidade da sociedade brasileira em incorporar e abrazeirar novos povos, estendendo suas considerações também aos novos elementos incorporados em período mais recente à sociedade nacional. Segundo o autor:

⁵ O Estado Novo foi instituído por Getúlio Vargas (1882–1954), que já havia assumido o poder em 1930 no contexto da chamada “Revolução de 1930”. Esse período é considerado uma ditadura civil, marcada por um forte centralismo, nacionalismo e autoritarismo, tendo perdurado até o final de janeiro de 1946.

[...] o mesmo está acontecendo com os imigrantes japoneses; o mesmo vem sucedendo com os alemães, italianos, poloneses, sírios e libaneses hoje brasileiros. Alguns deles logo na segunda geração têm-se tornado preeminentes na vida política brasileira, não como teuto-brasileiros, ítalo-brasileiros, polonês-brasileiros, nipo-brasileiros, sírio-brasileiros, mas como brasileiros; e por outro lado eles também vêm assumindo – êles e judeus e descendentes de judeus – seu lugar na arte e na literatura brasileira (escrita, é claro, em língua portuguesa: uma língua portuguesa crescentemente enriquecida com palavras de outros idiomas sem perder sua estrutura portuguêsã) (Freyre, 1971: 129).

Em *Ordem e Progresso*, Freyre aponta que esses sujeitos como o polonês-brasileiro seriam figuras de transição, representando a passagem da cultura materna para a cultura brasileira (Freyre, 1962). Neste ponto há um duplo movimento relevante de ser captado: por um lado esses povos (incluindo-se os poloneses nesta afirmação) tornam-se cada vez mais brasileiros, apontando para uma ideia de “aculturação”⁶, nos termos que ele mesmo utilizou para se referir a diversos grupos de migrantes; mas, por outro lado, esses povos também são responsáveis pela ampliação da cultura brasileira, trazendo novos elementos. A tensão que se estabelece, em última instância, refere-se à forma como essa incorporação é mediada por uma tradição cultural luso-católica que, para Freyre, seria fundante da sociedade brasileira.

É necessário compreender aqui que, para Freyre, unidade e diversidade não se opõem, da mesma forma que região e nação não constituiriam polos opostos em sua análise. Ao usar a metáfora do “Continente e Ilha”, Freyre desenvolveu a ideia de que no Brasil ocorreu um desenvolvimento social e cultural em ilhas, e estas ilhas se organizariam em arquipélagos, ou numa enorme ilha-continente, de tal modo que, apesar da diversidade, haveria uma base cultural lusitana (e também cristã) que daria unidade, e, por consequência, brasilidade (Freyre, 1973). Ainda se referindo aos imigrantes não ibéricos, Freyre pontua que:

⁶ Freyre utilizou em seu trabalho a categoria aculturação nos termos postos pela antropologia norte-americana, que se referia ao processo de incorporação de elementos culturais externos por um determinado grupo.

Hoje em dia o Brasil é notável pela sua unidade, apesar de alguns grupos de imigrantes, quando ainda no primeiro estágio do processo de assimilação, aparentemente virem contradizendo esta afirmativa. Mas o provável é que também estes sigam os passos dos grupos mais antigos e se tornem ecologicamente brasileiros através do modo de vida já telúrico, português, ou luso-brasileiro. O que não significa que para assim procederem tenham que renunciar suas características não-portuguesas que se harmonizem com sua condição de brasileiros. O Brasil foi, e parece continuar a ser, exemplo de diversidade ou de pluralidade étnica e cultural, dentro da unidade, embora a diversidade possivelmente esteja se tornando menos evidente do que a unidade (Freyre, 1971: 132–133).

Para Freyre, haveria mesmo um desejo do imigrante europeu não ibérico em ser assimilado pela cultura nacional de origem ibérica (Freyre, 2010), o que seria viabilizado pela plasticidade da cultura brasileira. Freyre refere-se a esse processo de mão dupla como sendo uma “síntese cultural”, algo próprio da cultura brasileira:

Para essa relativa estabilização de traços como que provisoriamente combinados e não, propriamente, para uma “síntese cultural” que importe em alguma coisa de definitivo, de brônzeo, de estatuésco, de acabado, é que se dirigem também as culturas diversas que vêm concorrendo para a formação brasileira, mais pela reciprocidade que pelo choque de antagonismos. O dinamismo dessas culturas a se combinarem é ainda maior que o das raças. Daí muito se deve esperar da penetração da cultura brasileira por elementos de origem italiana, germânica, polonesa, síria, que – presentes em nossa formação há anos, alguns desde o começo do século XIX – só ultimamente vêm se pondo em contato íntimo com os elementos tradicionais da mesma cultura (Freyre, 2006: 506–507).

Apesar de reafirmar uma análise que indica a incorporação dos “europeus não ibéricos” na cultura luso-católica brasileira, Freyre chega mesmo a afirmar que devido ao fato do Nordeste ter recebido um menor contingente de migrantes deste tipo, acabou por se tornar o “Refúgio da alma do Brasil” (Freyre, 1968). Como destaca Oliveira (2017), para Freyre, não se tratava da assimilação de indivíduos, mas

sim da assimilação de civilizações. Esta interpretação torna-se mais evidente em seu trabalho *Nós e a Europa Germânica* (1987), no qual ele ora indica a contribuição da migração alemã para a sociedade brasileira, ora tende a apontar para suas “ameaças” à cultura nacional se não for devidamente controlada e assimilada.

É bem verdade que o processo de abrasileiramento ocorreria com o passar das gerações, de tal modo que Freyre compara os filhos dos colonos de primeira geração com os mestiços (filhos de brancos e negros) em termos sociológicos:

Pois consideráveis grupos de populações meridionais do Brasil, cuja situação de filhos de italianos, poloneses, alemães, sírios, japoneses assemelha-se psicológica e sociologicamente – embora não culturalmente – à de mestiços, dão extensão sociológica à caracterização da massa brasileira como massa mestiça (Freyre, 2013: 509).

Esta comparação com os mestiços parece ter um propósito bem claro: reafirmar que o futuro do Brasil é mestiço, tanto em termos biológicos, quanto sociológicos. Freyre rejeitava completamente a tese do branqueamento do Brasil (Drayton, 2011), e neste sentido, chama a atenção sua posição em relação ao contingente populacional de origem eslava no Brasil, pois, o recrutamento por parte do Estado brasileiro de imigrantes de origem europeia para “colonizar” o Sul do Brasil vinculava-se a uma ideologia do embranquecimento⁷ (Seyferth, 2013: 156).

Freyre se opunha abertamente a qualquer política de embranquecimento do Brasil, classificando como “ingênuos” aqueles que acreditavam na substituição dos “mestiços” por “arianos” (Freyre, 1971). Talvez uma chave para compreendermos a posição de Freyre em

⁷ Importante indicar que a migração polonesa para o Brasil inclui diferentes fluxos migratórios. Aqueles que chegaram ao Brasil ainda em meados do século XIX contaram com menos estímulo e ajuda de assentamento por parte da sociedade local e do governo brasileiro, ao passo que aqueles que vieram por meio de ação governamental entre as décadas de 1920 e 1930 conseguiram se posicionar melhor em termos políticos e socioeconômicos (Dadalto e Siuda-Ambroziak, 2020).

relação aos “europeus não ibéricos” esteja na própria compreensão do autor acerca do processo de miscigenação, uma vez que essas políticas oficiais do Estado ao “importar imigrantes brancos”, partiam do pressuposto que sua incorporação à sociedade nacional levaria a um crescente branqueamento da população brasileira via miscigenação, já para Freyre a miscigenação levaria a outro caminho, à produção de outros tipos raciais que seriam mesmo “superiores” às raças puras, negando assim qualquer possibilidade de branqueamento da sociedade brasileira.

Um dos principais marcadores de distinção entre os colonos europeus não ibéricos e a cultura luso-brasileira refere-se à organização da vida social e econômica em torno da pequena propriedade, e não a partir de grandes latifúndios (Freyre, 1971). Estas análises incluem principalmente alemães, italianos e poloneses, estes últimos também referidos em seus trabalhos de forma mais genérica como eslavos. Este ponto é de grande relevância, na medida em que as campanhas de nacionalização durante o Estado Novo tentaram suprimir os principais espaços de caráter étnico, porém, esses grupos atualizaram seus modos de se identificar, o que passou a ser demarcado principalmente por uma concepção particular de *ethos* do trabalho (Seyferth, 1986).

A utilização de Freyre dos termos eslavos e polônês tomados quase como sinônimos em seus textos pode refletir, por um lado, certa marginalidade que o autor estava atribuindo ao papel desses povos na formação da sociedade brasileira; por outro, também pode indicar as próprias dificuldades de acessar fontes mais precisas, uma vez que, apesar de que a presença de poloneses no Brasil fosse bastante conhecida e significativa, as fontes historiográficas são por vezes imprecisas, e amiúde sob a denominação “polacos” há também grupos que não se identificavam como poloneses (Weber e Wenczenovicz, 2012). Assim sendo, Freyre em determinados momentos utiliza o termo poloneses, em outros eslavos, e em última instância os inclui na denominação ainda mais ampla de europeus não ibéricos, somando-os aos alemães e aos italianos principalmente.

Também em seus escritos aparece o termo polaca, referindo-se a mulheres brancas europeias que se prostituíam no Brasil em meados do século XIX.

Para reduzir ou extinguir a prostituição masculina no baixo comércio, predominantemente lusitano, do Rio de Janeiro é que o cônsul de Portugal na mesma cidade, barão de Moreira, teria promovido, em 1846, a importação de mulheres ilhoas. Seriam elas sucedidas pelas polacas e francesas, cujo perfil procuraremos traçar em estudo próximo (Freyre, 2006: 173).

É importante considerar, como aponta Wolny (2012), que o termo polaca tanto pode se referir à mulher de origem europeia (não necessariamente polonesa) que se encontra na condição de prostituta no Brasil, como também à mulher de origem polonesa no Sul do Brasil, em regiões nas quais continua viva a imagem da migração polonesa. Podemos inferir que Freyre (1986) estivesse se referindo ao primeiro tipo, mas em todo caso, é importante considerar que mesmo sem ser um ato intencional, a palavra “polaca” acaba sendo associada à memória das imigrantes polonesas no Brasil (Wolny, 2012).

Apesar de se esperar que em *Ordem e Progresso* (1962) Freyre incorporasse mais efetivamente uma análise acerca da região Sul do Brasil e, conseqüentemente, aprofundasse sua análise sobre os “europeus não ibéricos”, efetivamente isso não aconteceu, mesmo considerando o conjunto de relatos coletados para a escrita do livro, Freyre teria privilegiado os respondentes do nordeste em detrimento daqueles da região Sul (Burke e Pallares-Burke, 2009). Skdmore (1964) aponta para o fato de que Freyre negligenciou a questão da imigração nesta obra, e de acordo com ele: “[...] Freyre has underplayed this highly important social phenomenon primarily, I think, because it had little immediate effect on the Northeast and therefore does not fit into his thesis about Brazilian society.” (Skdimore, 1964: 499). Todavia, nesta obra, Freyre positiva de forma significativa a presença de imigrantes italianos no Brasil, considerando que o processo de assimilação destes seria facilitado pelo elemento latino e católico existente em sua cultura. Pode-se supor também que Freyre percebia que os poloneses

de origem católica, ou mesmo judia⁸, se integrariam mais facilmente à sociedade nacional que aqueles de origem protestante, como era o caso de muitos alemães.

Ainda que esta questão não seja aprofundada, é importante considerar que Freyre enfatiza, sobretudo, as contribuições dos europeus não ibéricos para a sociedade brasileira a partir da introdução de novas técnicas, em diversos âmbitos, como agricultura, artes, ofícios urbanos etc, tais técnicas, segundo Freyre, foram incorporadas pelos negros e mulatos brasileiros. Para Leão e Lima (2017), os europeus não ibéricos exerciam na obra de Freyre o papel de mediadores da circulação, de modo que o trabalho técnico – na época desvalorizado – ajudasse a definir a gênese de um mercado nacional-popular de bens simbólicos. Os poloneses teriam, portanto, esse papel de mediadores culturais na obra de Freyre, e essa seria sua principal contribuição para a sociedade brasileira.

Considerações Finais

Neste breve ensaio busquei visibilizar como os povos eslavos são apresentados na obra de Gilberto Freyre, considerando a relevância que este autor possui para a interpretação da sociedade brasileira. Ainda que não tenha dedicado uma obra específica para tratar dessas populações, assim como fez com os alemães, eles aparecem de forma pontual em inúmeras passagens de seu trabalho, indicando que ele tenha reconhecido a relevância de seu papel na formação da sociedade brasileira.

As menções mais explícitas aos povos eslavos se dão, por um lado, comparando o Brasil com a Rússia, aproximando os dois países, a ponto de denominar o Brasil Rússia Americana; por outro, indicando pontualmente a presença dos poloneses a partir do século XIX na formação da sociedade nacional. A Rússia neste contexto é percebida

⁸ Incluo aqui também os de origem judia na medida em que Freyre percebia que tanto os judeus quanto os mouros tiveram um peso relevante na formação social dos portugueses. Sendo assim, entre os judeus e os católicos haveria um *continuum* mais demarcado que entre católicos e protestantes, uma vez que estes se orientavam a partir de um outro *ethos*.

como um país que estaria situado na transição geográfica e cultural entre dois continentes, tal como Espanha e Portugal, e que da mesma forma que o Brasil tenha se consolidado como uma nação miscigenada em um vasto território.

O status dos povos eslavos na sociedade brasileira, segundo a perspectiva de Freyre, se dava de forma ambivalente e dialética, pois, ao mesmo tempo em que se aculturavam, se tornavam mais brasileiros, também contribuíam para a cultura nacional, modificando-a, trazendo novos elementos. O dilema central está posto na interpretação que Freyre realiza da sociedade brasileira, compreendendo-a como essencialmente luso-católica, que de forma plástica e aberta passaria a incorporar novos elementos de forma contínua.

Não seria exato indicar que Freyre defendesse simplesmente a assimilação cultural, pois efetivamente os poloneses não deixariam de ser poloneses, seriam “poloneses-brasileiros”, e o emprego do hífen na obra de Freyre tem um uso muito específico, de refletir a construção de pontes, de trocas culturais. Os “poloneses-brasileiros” seriam assim uma ponte entre duas culturas, incorporando a cultura brasileira e expandindo-a, modificando-a, ainda que isso viesse a ocorrer apenas em determinadas “sub-regiões”, localizadas principalmente no Sul do Brasil.

É necessário ainda enfatizar que se por um lado Ianni (1960, 1961), seguindo a tradição da escola paulista de sociologia, explorasse o preconceito contra os imigrantes poloneses no Sul do Brasil, possivelmente Freyre não teria chegado às mesmas conclusões de Ianni, se tivesse realizado uma pesquisa mais empírica na mesma região. Para Freyre, no Brasil, praticamente inexistia preconceito racial, ele estava presente, mas de forma residual, expressando-se principalmente através do preconceito de cor, porém, seu trabalho enfatizou o caráter integrativo da cultura brasileira por meio da miscigenação.

Na pesquisa realizada por Ianni (1960), há uma famosa passagem na qual uma das informantes indica que não haveria negros no Paraná, pois “O negro do Paraná é o polaco” (Ianni, 1960: 325). Como bem demonstra Souza (2019), as desigualdades de raça e classe no Brasil são separáveis apenas no analítico e não no empírico, o que nos leva

a uma compreensão acerca dos processos de exclusão vivenciados pela população negra no Brasil ao longo de séculos. A afirmativa de que o negro do Paraná é o polaco significa, portanto, de que o polaco naquela realidade social ocuparia a base da pirâmide social, tal como o negro ocupa na sociedade brasileira de uma forma mais ampla.

Na complexa dialética de Freyre, o nacional não se sobrepunha ao regional, mas se articula a este, e em última instância seu projeto intelectual e político pressupunha, sobretudo, a valorização da província, do regional (Oliveira, 2019). Faltou na obra de Freyre uma análise mais cuidadosa desse contingente populacional que marcou de forma definitiva o Sul do Brasil, mas esse esforço eventualmente o desviaria de seu eixo argumentativo principal em torno do caráter luso-católico do Brasil, e posteriormente de suas teses acerca do lusotropicalismo no mundo.

Referências bibliográficas

- ALCANTUD, J. A. G. (2020), “Gilberto Freyre y Roger Bastide sobre el Oriente íntimo en Brasil. ¿aculturación o transculturación?”, *Revisita De Estudios Brasileños*, 7 (14), Salamanca, p. 127–137, <https://doi.org/10.14201/reb2020714127137>.
- BASTOS, É. R. (2005), “Raízes do Brasil – Sobrados e Mucambos: um diálogo”, *Perspectivas*, 28, Araraquara, p. 19–36.
- BASTOS, É. R. (2006), *As Criaturas de Prometeu: Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira*, Global, São Paulo.
- BESSUDNOV, A, SHCHERBAK, A. (2020), “Ethnic Discrimination in Multi-ethnic Societies: Evidence from Russia”, *European Sociological Review*, 36 (1), p. 104–120.
- BURKE, P., PALLARES-BURKE, M. L. (2009), *Repensando os Trópicos: um retrato intelectual de Gilberto Freyre*, Editora Unesp, São Paulo.
- DADALTO, M. C., SIUDA-AMBROZIAK, R. (2020), “Poloneses no Espírito Santo: duas trajetórias de um povo entre os vales da Serra e os sertões do Norte”, *História, Debates e Tendências*, 20 (2), Passo Fundo, p. 153–174.

- DRAYTON, R. (2011), “Gilberto Freyre and the Twentieth-Century Re-thinking of Race in Latin America”, *Portuguese Studies*, 27 (1), p. 43–47.
- FREYRE, G. (1962), *Ordem e progresso: processo de desintegração das sociedades patriarcal e semi patriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre: aspectos de quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre; e da Monarquia para a República*, Rio de Janeiro: Livraria José Olympio.
- FREYRE, G. (1968), *Região e tradição*, Gráfica Reccord Editora, Rio de Janeiro.
- FREYRE, G. (1971), *Novo Mundo nos Trópicos*, Brasiliana, Rio de Janeiro.
- FREYRE, G. (1973), *Problemas brasileiros de antropologia*, José Olympio Rio de Janeiro.
- FREYRE, G. (1987), *Nós e a Europa germânica: em torno de alguns aspectos das relações do Brasil com a cultura germânica no decorrer do século XIX*, Bra-Deutsch, Rio de Janeiro.
- FREYRE, G. (2001), *Interpretações do Brasil: aspectos da formação social brasileira como processo de amalgamento de raças e culturas*, Companhia das Letras, São Paulo.
- FREYRE, G. (2003), *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*, Global, São Paulo.
- FREYRE, G. (2006), *Sobrados & Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano*, Global, São Paulo.
- FREYRE, G. (2010), *O Mundo que o Português Criou*, É Realizações, São Paulo.
- HOLANDA, S. B. (1995), *Raízes do Brasil*, Companhia das Letras, São Paulo.
- IANNI, O. (1960), “Do polonês ao polaco”, *Revista do Museu Paulista*, 12, São Paulo, p. 315–338.
- IANNI, O. (1961), “A situação social do polonês em Curitiba”, *Sociologia*, 33 (4), São Paulo, p. 375–388.
- LEÃO, A. B., LIMA, M. M. B. (2017), “Cultura nacional-popular e circulação transnacional. Brasil e Angola no Projeto Kalunga”, *Revista Pós Ciências Sociais*, 14 (28), São Luís, p. 131–149.
- MAIA, J. M. E. (2005), “A Rússia Americana”, *Sociedade e Estado*, 20 (2), Brasília, p. 427–450.

- MORAIS, I. (2018), “Macau entre a ‘China Tropical’ e a lusofonia a Oriente: Algumas achegas sobre os contextos colonial e pós-colonial”, *Portuguese Studies Review*, 26 (1), p. 63–98.
- OLIVEIRA, A. (2015), “O Oriente, o Luso e o Brasil na Obra de Gilberto Freyre”, *Asian Journal of Latin American Studies*, 288 (4), p. 73–89.
- OLIVEIRA, M. (2017), “Em torno da civilização Luso-Tropical. A contribuição de Gilberto Freyre à sociologia da imigração no Brasil”, *Caderno CRH*, 30 (81), Salvador, p. 561–578.
- OLIVEIRA, A. (2019), “Gilberto Freyre e o Brasil Meridional”, *Sociedade e Estado*, 34 (1), Brasília, p. 241–259.
- SAID, E. W. (2007), *Orientalismo. O oriente como invenção do ocidente*, Companhia das Letras, São Paulo.
- SEYFERTH, G. (1986), “Imigração, colonização e identidade étnicas (notas sobre a emergência da etnicidade em grupos de origem europeia no sul do Brasil)”, *Revista de Antropologia*, 29, São Paulo, p. 57–71.
- SEYFERTH, G. (2013), “The diverse understandings of foreign migration to the South of Brazil (1818–1950)”, *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, 10 (2), Florianópolis, p. 118–162.
- SILVA, V. T. C. (2011), *Orientalismos brasileiros: Gilberto Freyre e a peleja entre Vênus e a Moura Encantada*, Carpe Diem Edições e Produções, Recife.
- SKIDMORE, T. (1964), “Gilberto Freyre and the Early Brazilian Republic: Some Notes on Methodology”, *Comparative Studies in Society and History*, 6 (4), p. 490–505.
- SOUZA, J. (2019), *A Elite do atraso*, Estação Brasil, Rio de Janeiro.
- WEBER, R., WENCZENOVICZ, T. J. (2012), “Historiografia da imigração polonesa: avaliação em perspectiva dos estudos sobre o Rio Grande do Sul”, *História Unisinos*, 16 (1), São Leopoldo, p. 159–170.
- WOLNY, A. (2012), “A polaca – a mulata ao avesso?”, *Romanica Cracoviensia*, 12, Cracóvia, p. 338–348.
- ZEN, E. R. G. (2010), *Imigração e Revolução: lituanos, poloneses e russos sob vigilância do Deops*, Edusp, São Paulo.